

### 3. Futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte

#### FESTA OU FUTEBOL? O INÍCIO DO FUTEBOL LGBTQIAPN+ BELO-HORIZONTINO

O Bharbixas é o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte, fundado em 2017 (na época, ele se identificava como um time de “futebol LGBT”). Lúcio (Bharbixas 2023), fundador do time, contou sobre como ele surgiu.

Eu acabei vendo uma reportagem, na Fátima Bernardes, em que tava lá um dos meninos de um time, que era o Unicorns, e eles estavam convidando pessoas de outros estados a entrar em contato com eles pra ajudarem na divulgação, pra prospectar novos jogadores em cada estado. E, aí, eu falei: “por que não?” E eu meio que falei: “ah, bora tentar, né?” Então, eu entrei em contato, eles me ajudaram a divulgação. E, aí, na primeira semana, assim, foi absurdo o número de pessoas, né? Eu criei um grupo no *WhatsApp* e, na primeira pelada, já deu 25 pessoas. E, aí, eu fiquei abismado com aquilo. (Lúcio, Bharbixas 2023)

Logo depois da fundação do Bharbixas, a LiGay organizou o primeiro campeonato nacional, e o time foi convidado para participar.

Pedro (Bharbixas 2018) me explicou que, no começo, as peladas eram apenas por diversão. Mas, com esse convite, o foco mudou: “aí, existe uma preocupação de montar um time de fato, pra jogar no campeonato. Com isso, a gente teve a preocupação de criar os treinos táticos mesmo, preparação física, pra participar da competição”.

Contudo, logo no início de vida do Bharbixas, uma tensão entre um grupo de jogadores e o restante do time marcava a dinâmica da equipe. Roberto (Bharbixas 2018) foi convidado para entrar no grupo do *WhatsApp* do time antes de ir a uma pelada pela primeira vez. Ele explicou que logo identificou a tensão que já existia entre os membros que formariam o ManoTauros e o restante da equipe. Segundo ele, estava “uma discussão danada no grupo” e era possível identificar “dois grupos muito distintos”. Havia um grupo de pessoas que “parecia que eram os mais focados só no futebol” e outro grupo de pessoas que “tavam pensando não só no futebol, mas no movimento”. Mesmo com as desavenças, os dois grupos foram juntos competir na 1ª edição do Champions LiGay, e o Bharbixas voltou para Minas Gerais com a taça de campeão.

A fundação do ManoTauros aconteceria logo depois dessa competição. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), os membros fundadores da sua equipe já sabiam que não iriam continuar no Bharbixas quando foram para o campeonato. Ele me contou que os dissidentes pensaram em montar um time que não fosse exclusivamente gay, para disputar “campeonatos hétero”. Os jogadores de futebol LGBTQIAPN+ entrevistados se referem aos times e campeonatos convencionais como “times hétero” e “campeonatos hétero”. Ângelo (ManoTauros, 2018) me explicou: “‘hétero’ sendo bem didático, né?

São campeonatos abertos e campeonatos restritamente gays”. No entanto, o ManoTauros se formou mesmo como um time de “futebol gay”, como se autoidentificava.

Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), que tinha muitos anos de experiência no futebol amador em Belo Horizonte, em um dos jogos do Champions LiGay, colocaram outro goleiro no seu lugar. Mas, para ele, o substituto não era um bom jogador: “a justificativa do Lúcio, eu achei até sensata. Foi o seguinte: ‘ah, pra você, Ângelo, é só mais um campeonato. Pra ele é o campeonato’”. Assim como Ângelo (ManoTauros, 2018), os demais membros fundadores do ManoTauros também tinham larga experiência no futebol amador da cidade. Contudo, apesar das diferenças que ele já tinha com o restante do time na época, Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que se importava muito com a vitória do time: “eu queria tanto ganhar, mas nem era por mim, era pelo Lúcio e pelos outros organizadores do BhARBIXAS. Porque, tipo assim, seria muito legal pra eles. Pro outro time, seria muito legal, mas pro BhARBIXAS seria muito, muito, muito legal. A maioria nunca tinha jogado futebol”. Mas o perfil de inclusão do BhARBIXAS não significava que ele não contasse com outros integrantes experientes, além de Ângelo (ManoTauros, 2018) e os demais fundadores do ManoTauros. Um deles era Daniel (ex-BhARBIXAS, 2023), que havia sido jogador profissional.

O perfil do BhARBIXAS, na época, era o mais variado possível. Tinha pessoas que tinham um padrão, sei lá, mais normativo, que tinha jogado futebol a vida inteira, que se identificava com o esporte, que o esporte, para eles, era *competitividade*,

né? Eu me incluo num desses casos. Mas tinha outras pessoas. Tinha aquelas pessoas que nunca jogaram futebol na vida e que iam ali pra ter um *primeiro contato com futebol* mesmo. E pra que se criasse aquele espaço de inclusão mesmo, onde essas pessoas pudessem jogar. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Pedro (Bharbixas, 2018) me esclareceu como ocorreu a cisão entre os dois times depois do 1º Champions LiGay, relacionada a uma tensão entre *inclusão* e *competitividade*.

O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu do Bharbixas e montou o próprio time. Segundo ele, por “divergências filosóficas”. Foram os termos que ele usou. Porque, nas competições, a gente tem uma preocupação muito grande de *oferecer espaço pra todo mundo jogar* nas competições, de fato. Tem gente que joga futebol desde que tem seis anos de idade. Inclusive, no nosso time, tem um ex-jogador profissional, que é o Daniel. Ele jogava profissionalmente, em times mineiros. E, aí, na competição, a gente teve essa preocupação de: “olha, o pessoal que tá jogando com a gente aqui, treinando há muito tempo, se esforçando, eles precisam jogar na competição de fato”. E Eduardo era um pouco *mais competitivo*, digamos assim, ele preferia colocar todo mundo que joga muito bem, apesar da pessoa nem ter participado de três, quatro treinos, pra poder ganhar o negócio. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me explicou que o ManoTauros teve três membros fundadores. Além dele, Eduardo, ex-técni-

co do Bharbixas, foi um dos outros dois. No entanto, em geral, os jogadores entrevistados se referiam a Eduardo como o fundador do time, pois ele teria tido a liderança nesse processo. Segundo Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), no primeiro dia de treino do ManoTauros, já compareceu um número muito grande de novos jogadores: “dezoito pessoas que a gente nem sabia que jogava bola, e já dá um time, sabe-se Deus como”.

Ângelo (ManoTauros, 2018) apontou que um dos motivos que fez com que ele e os demais fundadores do ManoTauros saíssem do Bharbixas foi o fato de esta equipe não ter o futebol como seu principal foco. Na verdade, ele identificava duas linhas de times, que, até aquele momento, estariam conversando bem entre si, mas que tenderiam a se distanciar: os que dão *foco na festa* e os que dão *foco no futebol*. Sobre as equipes que não dão centralidade para o futebol, ele provocou: “a inclusão pelo futebol, mas quando você vai ver, tem mais inclusão, mais festa, e o futebol é só um acessório que muitas vezes fica esquecido”. Nesse sentido, para ele, em alguns times, “tem muito marketing, e pouco futebol”.

Roberto (Bharbixas, 2018) realmente indicava que o futebol não era o mais central para a sua equipe: “o Bharbixas sim: o futebol é a causa que nos uniu, mas não é a causa nos mantém unidos até hoje, o que nos mantém unidos até hoje é exatamente a luta pela inclusão, pelo respeito e tolerância à diversidade”. De fato, Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018) também identificaram que, desde a formação do Bharbixas, muitas pessoas se agregaram à equipe pela socialização, e não pelo futebol. Elas iam às peladas e aos jogos pela música que

sempre era tocada durante as partidas, com a intenção de dançar e interagir umas com as outras. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) comentou sobre as pessoas que faziam parte do Bharbixas enquanto grupo social, mas não como jogadoras, jogadores e jogadoras: “tinha aquelas pessoas que iam só por estar ali no movimento mesmo, nem jogavam futebol, mas tavam ali, gostavam de tar no movimento. Era um movimento que tava crescendo. Era um movimento onde você podia conhecer muitas pessoas”. Roberto (Bharbixas, 2018) deu um exemplo de como funcionava esse clima festivo sobreposto à prática do futebol.

A gente tava jogando futebol, e, de repente, um gritou do lado de fora: “saiu! Saiu! Saiu!” O pessoal parou de jogar futebol, alguns, pra ir lá ver o clipe da Anitta em primeira mão e ficava dançando. E, tipo, enquanto tocava a música do lado de fora, eu achava aquilo muito interessante. Eu nunca tinha jogado bola com *pop* [ênfase em “*pop*”] tocando, e pessoas dançando do lado de fora. Enquanto tocava do lado de fora, tinha gente que tava jogando e ficava dançando enquanto a bola não tava perto dele. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Além da questão da competitividade, Pedro (Bharbixas, 2018) afirmou que a afeminação dos demais jogadores do Bharbixas foi uma das razões para que os membros fundadores do ManoTauros saíssem do time: “pelo fato também do nosso time se orgulhar de ser um time afeminado, isso talvez tenha afastado ele [Eduardo]. Aí, ele montou o ManoTauros, que é o time dele”. De fato, Ângelo (ManoTauros, 2018) me confirmou que os membros fundadores do ManoTauros achavam

a manifestação de gênero dos demais membros do Bharbixas “cari-catural” e se preocuparam em criar o ManoTauros como um time que expressasse masculinidade, a partir de elementos como o nome e o mascote. Mas Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que o motivo de os membros do Bharbixas terem ficado incomodados com a saída dos fundadores do ManoTauros foi outro: “não ficaram chateados de montar outro time, mas o que eles ficaram mais chateado é de ter desfalcado o time titular”. De todo modo, ele acreditava que a rivalidade com o Bharbixas era algo que passaria com o tempo.

Mas que eu acho hiper natural, que dê um tempo curto, e, pronto, isso acaba. A raiva deles da gente ter tirado de lá acabava. A vontade nossa de: “ah, tem que ganhar deles” também vai passar. Uma bobagem. E, aí, vai perceber: “opa, tem muito mais coisa que a gente tem que lutar junto do que...” É o que eu falo pra eles: “gente, tem quantos times do futebol *society* aqui em Belo Horizonte? Só tem dois time. Então, a gente vai repetir o que a gente critica entre Cruzeiro e Atlético, entre Grêmio e Inter? Vai repetir isso?” Mas eu acho que não vai ter essa rivalidade não. Vai ter rivalidade talvez no esporte, que é natural, que é necessária. Mas, rivalidade entre clube, eu acho que isso acaba em dois tempos. Acaba rapidão. Eu acho, né? Espero que se acabe. Não vejo justificativa pra não ser assim. Tanto é que o slogan do ManoTauros meio que acabou sendo adotado até por outros times e pela Liga, também, claro. Até a LiGay adotou. Que é o que a gente sempre coloca lá que “juntos somos mais fortes”. O que é também um aviso pro Bhar-

bixas, assim, tipo: a gente não quer rival, a gente quer alguém pra apoiar, sabe? Pra fazer ações juntos. A gente até brincou: “olha, de vez em quando, tem campeonato, não dá pra levar os dois times. Ou que não dá pra levar um time, porque não formaram um time completo pra ir... Podemos fazer o Mano-Bixas, sei lá...” [risos] Esse é o espírito, eu acho. Eu acho que vai passar um momento, aí, primeiro de rivalidade. Eles ficaram magoados da gente ter saído, porque desfalcou o time. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

O encontro do “ManoBixas”, de fato, não demorou a acontecer. Ele ocorreu em maio de 2018, quatro meses depois dessa fala de Ângelo (ManoTauros, 2018). A Figura 4 mostra o registro do evento.<sup>7</sup>

---

7 Nas imagens que trazem jogadores dos times pesquisados, seus rostos foram desfocados para preservar suas identidades.

Figura 4 – Amistoso “ManoBixas”, entre Bharbixas e ManoTauros



Fonte: *Instagram/ManoTauros*

Descrição: Diversos jogadores em uma quadra posando para a foto. Do lado esquerdo, jogadores em posição mais séria vestindo um uniforme vermelho. Do lado direito, jogadores em posição mais irreverente, vestindo um uniforme azul e rosa.

Na legenda da postagem do *Instagram* do ManoTauros, no qual a fotografia foi compartilhada, estava escrito: “E a foto desse encontro não podia faltar, teve jogo festivo sim, um clássico, um jogo, ManoBixas, com direito a churrasco, alegria e muito lacre!!!!” Mas é possível perceber, na fotografia, como os membros do ManoTauros, à esquerda, e do Bharbixas, à direita, tinham comportamentos distintos frente à câmera. Na imagem, o Bharbixas aparece de forma muito mais irreverente que o rival.

## DOS MAIORES AOS MENORES: MUDANÇAS NO FUTEBOL LGBTQIAPN+ MINEIRO

No início de 2018, quando realizei as duas primeiras entrevistas, com Pedro (Bharbixas, 2018) e Ângelo (ManoTauros, 2018), havia apenas 2 times de futebol LGBTQIAPN+ em Minas Gerais. Até o final de 2024, já somavam 11 os times criados no estado. A Figura 5 mostra como foi esse processo de surgimento de times em Minas Gerais.

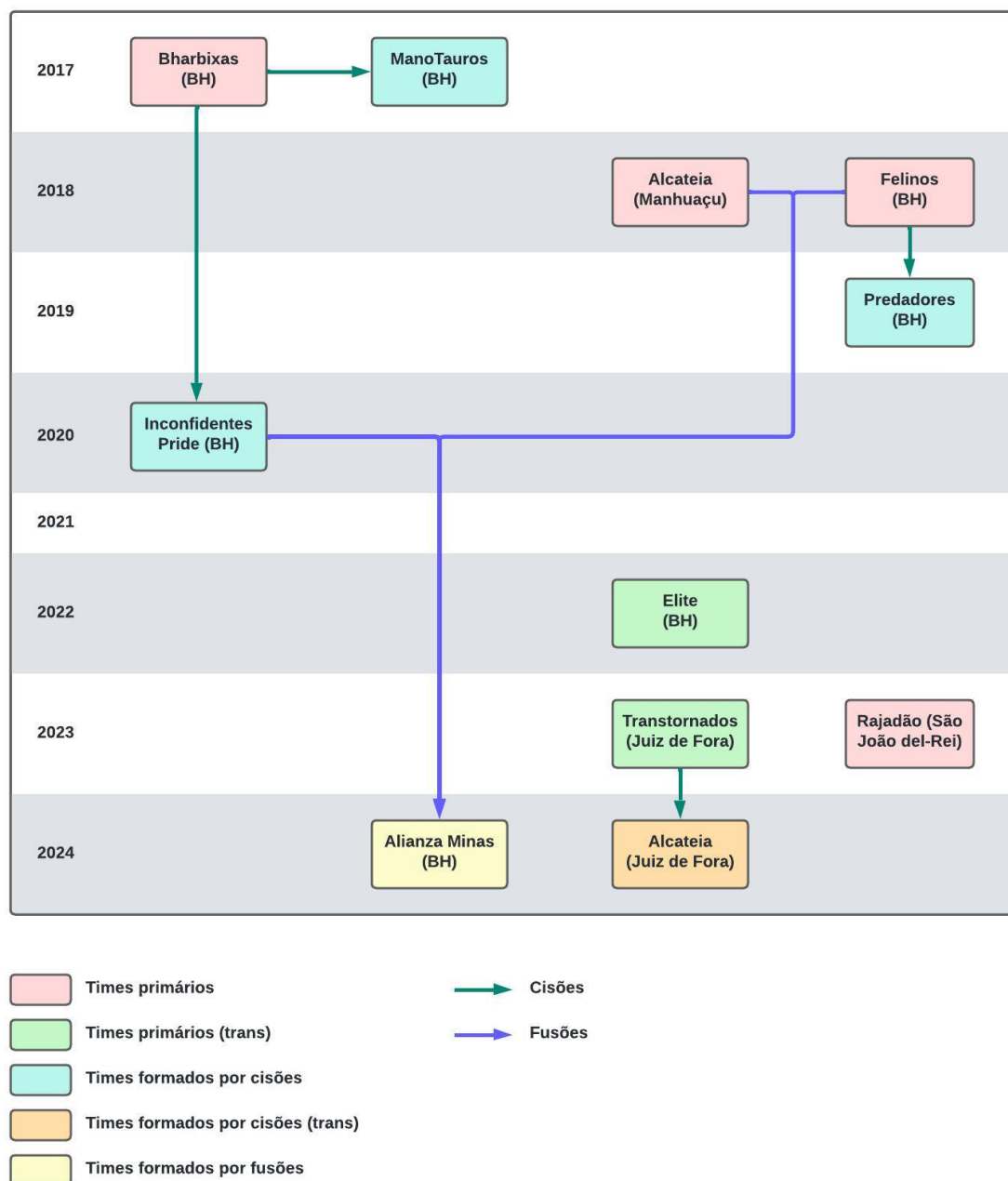
A criação dos novos times foi trazendo outros contornos para o cenário dicotômico que opunha apenas dois grandes rivais. Novas rivalidades apareceram, relações de força diferentes se delinearam, e o tempo e os acontecimentos que se sucederam levaram a uma reviravolta no lugar do Bharbixas e do ManoTauros no cenário do futebol LGBTQIAPN+ mineiro. O surgimento de novas equipes como cisão de times anteriores tem sido um processo importante na definição desse panorama. Essa dinâmica também está bastante relacionada com a criação de rivalidades.

Quase sempre os times nasce de uma briga interna com o outro. Tipo, era o Bharbixas. Aí, beleza, do Bharbixas tem um racha, teve o ManoTauros. Depois, o Bharbixas de novo teve outro racha e virou Inconfidentes. Do outro lado, tinha o Felinos, que teve um racha e virou Felinos e Predadores. Então, a mesma rivalidade que tinha entre ManoTauros e Bharbixas, na época, é a rivalidade que tinha entre Felinos e Predadores. Até hoje, quando eles jogam, sai faísca. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Uma das mudanças pelas quais o Bharbixas passou ao longo do tempo é que ele deixou de ser apenas uma equipe de futebol para se tornar uma equipe poliesportiva. Lúcio (Bharbixas, 2023) contou como isso aconteceu.

E, aí, começaram a surgir outras demandas também. O pessoal começou a perguntar: “ah, mas vocês só tem futebol?” E eu falei assim: “não... por que não abrir pra outras modalidades também?” Assim como nesse cenário do futebol, acredito que pra outras modalidades também, infelizmente, acontece esse preconceito, essa falta de espaço pra nós, LGBTQs, praticarmos o esporte, né? Então, aí, surgiu, então, o handebol, vôlei. Aí, depois, veio a dança e agora o rúgbi também. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Figura 5 – Formação dos times de futebol LGBTQIAPN+ de Minas Gerais até 2024



Fonte: elaborado pelo autore

Descrição: A imagem traz um esquema que indica o ano de formação de cada time de futebol LGBTQIAPN+ mineiro, bem como quais deles são cisões ou

fusões de times que já existiam. Bharbixas (BH) e ManoTauros (BH) foram fundados em 2017. Alcateia (Manhuaçu) e Felinos (BH) em 2018. Predadores (BH) em 2019. Inconfidentes Pride (BH) em 2020. Elite (BH) em 2022. Transtornados (Juiz de Fora) e Rajadão (São João del-Rei) em 2023. Alianza Minas (BH) e Alcateia (Juiz de Fora) em 2024. O ManoTauros e o Inconfidentes Pride são cisões do Bharbixas. O Predadores é uma cisão do Felinos. O Alcateia (Juiz de Fora) é uma cisão do Transtornados. O Alianza Minas é uma fusão do Alcateia (Manhuaçu), do Felinos e do Inconfidentes Pride. Abaixo do quadro, há uma legenda que indica as cores com as quais os times e as setas que representam as fusões e cisões estão marcados. Os times primários – Bharbixas, Alcateia (Manhuaçu), Felinos e Rajadão – estão em rosa. Os times trans primários – Elite e Transtornados – estão em verde claro. Os times formados por cisões – ManoTauros, Predadores e Inconfidentes Pride – estão em azul claro. Os times trans formados por cisões – Alcateia (Juiz de Fora) – estão em laranja. Os times formados por fusões – Alianza Minas – estão em amarelo. As setas que representam as cisões estão em verde escuro, e as que representam as fusões estão em azul escuro.

Para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), a abertura do Bharbixas para outras modalidades fez com o time fosse perdendo a sua identidade com o futebol. Ele explicou como eram as relações de força entre os times mineiros em 2019, ano em que aconteceu a 5ª edição do Champions LiGay: “o Bharbixas era o mais forte de todos, depois, o ManoTauros, que era um time forte também, mas não tão quanto o Bharbixas, e depois o Alcateia. E, aí, tava correndo por fora o Predadores e muito, muito atrás, o Felinos”. O Alcateia foi o primeiro time do interior de Minas Gerais, criado em 2018, em Manhuaçu. O Felinos, time apontado com mais fraco, sequer participou dessa edição do campeonato. No entanto, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) indicou como a pandemia mudou completamente esse cenário.

O BhARBixas é um time muito ideológico. E a ideologia deles não era compatível com jogar, igual a alguns times tavam jogando em pleno auge da pandemia. Então, eles decidiram não jogar. Nessa época, o ManoTauros começou enfraquecer também porque alguns não era favorável a jogar na pandemia. O Felinos e o Predadores jogavam clandestinamente. Pra bem resumir a história, os meninos decidiram sair do BhARBixas, porque queriam jogar. E já tinha um racha entre, digamos, a social do BhARBixas, os meninos que gostavam de pelada, contra os meninos do futebol [competitivo]. Aí, acabou que esses meninos do futebol montaram outro time. Então, o BhARBixas foi e tomou uma decisão: que não teria time competitivo mais. Que teria só um time recreativo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Como ele apontou, mesmo antes da pandemia, já estaria presente no BhARBixas uma divisão interna entre os que jogavam *recreativamente* e os que desejavam jogar *competitivamente*. A proibição de jogar na pandemia foi o estopim para que esses dois grupos se separassem, dando origem à segunda cisão do time e à fundação do Inconfidentes Pride, encabeçada por Daniel. Mas Daniel (ex-BhARBixas, 2023) defendeu que a criação do time se deu em um momento em que as restrições da pandemia já estavam flexibilizadas em Belo Horizonte.

O Inconfidentes foi basicamente criado na pandemia. Em um dos momentos de reabertura da pandemia, onde, assim, a gente pôde voltar a jogar futebol. E o BhARBixas... a diretoria

do BhARBixas... isso já, na época, onde, basicamente, a diretoria era baseada em pessoas que não viviam o futebol em si, que não conheciam do futebol em si, eram pessoas que estavam na diretoria, mas, por exemplo, que nunca tinham ido uma quadra ver o que a realidade dos jogos ou a realidade das competições. Então, muita gente queria voltar a treinar no BhARBixas, em uma dessas reaberturas da pandemia, e a diretoria se recusou a voltar todos os esportes. E, aí, acabou que essas pessoas, eu, inclusive, uma delas, resolvemos montar uma outra equipe, sair do BhARBixas, pra que a gente pudesse voltar a jogar futebol. (Daniel, ex-BhARBixas, 2023)

Nesse momento, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) já não estava mais jogando no ManoTauros, time que havia fundado. Então, ele também participou da criação de mais essa equipe, levando com ele alguns membros do ManoTauros, outro time que também tinha restrições para o funcionamento durante a pandemia. Com isso, a pandemia deu um golpe quase fatal nos dois maiores times do estado. Mas Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) explicou que o ManoTauros também já vinha se desestabilizando antes disso, motivo pelo qual Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) havia saído do time.

Quando o Eduardo saiu, tava uma época bem conturbada, assim, no ManoTauros. Tinha alguns rachas, briga entre as pessoas que dirigiam o time. Parte do time ficou de um lado, parte do outro. A gente saiu da LiGay de Brasília, todo mundo meio que brigado, o time rachado, despedaçado. Que a gente

chegou com uma expectativa muito alta. O time era muito forte, mas, aí, chegou cheio de brigas entre a gente, sabe, inclusive minha com o Eduardo, na época. Tipo assim, teve pouco a ver com futebol, não tinha nada a ver com ideologia do time. As brigas era quem manda, quem faz o quê, para qual lado que o time vai seguir. Então, é uma briga, digamos, de poder mesmo. É uma briga que dava pra ter sido controlada, mas convivendo cinco anos junto, todo dia... acabou tendo esse tipo de briga, mas, depois, isso consertou. Foi uma coisa temporária lá. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Mesmo antes de deixar o ManoTauros, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) já havia saído da presidência do time. Cláudio (ManoTauros, 2023), que era o presidente quando eu o entrevistei, apontou-me que esse tipo de rearranjo é um fator importante de rearticulação das equipes: “isso aí é uma questão de filosofia, às vezes, de equipe, entendeu? Quando muda um presidente e quer implantar uma coisa diferente, e isso desagrada um, agrada outro. Às vezes, é alguém que tem relacionamento em outra equipe e acaba indo pra outro”. Cláudio (ManoTauros, 2023) entrou para o ManoTauros cerca de oito meses depois da formação da equipe e estava na presidência há cerca de dois anos. Ele me apontou uma filosofia muito diferente da que o ManoTauros tinha no início do time, conforme Ângelo (ManoTauros, 2018) havia me apresentado na época. Isso porque Ângelo (ManoTauros, 2018) havia me dito que o time era voltado apenas para quem já sabia jogar futebol, não sendo uma “escolinha” para novatos. No entanto, Cláudio (ManoTauros, 2023) me falou o contrário. Com

isso, o time se aproximou muito mais da perspectiva do Bharbixas em relação a essa questão.

Acho que, ao longo do período, a questão de mudança de presidente, entra e sai de jogador, sempre muda um pouco o perfil, o modo de pensar. Cada direção tem uma mudança diferente. Hoje, como eu assumi a presidência... e o pessoal que acho que cê já deve até ter entrevistado, já saiu já faz um tempo. Então, hoje, a minha visão com o restante do time é dar oportunidade, né? Há pessoas que não têm oportunidade de se descobrir no futebol e de discussão sobre LGBTs... e a gente sempre acolhe as pessoas. Então, assim, a nova forma de visão é sempre acolher e sempre apoiar. Inclusive, a gente procura sempre dar oportunidade de... até a pessoa que, às vezes, ela não tem conhecimento nenhum, ela entrar e disputar. Porque a maioria das equipes deixa a pessoa conhecer, então, mas na hora do participar mesmo, ela fica só no conhecer. Não chega a disputar a competição, entendeu? Então, assim, a gente tem sempre a preocupação de a pessoa se sentir *acolhido*. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

A crise do ManoTauros, começada antes da pandemia, mas escancarada nela, fez com que seu time competitivo ficasse muito enfraquecido e, nas palavras de Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), “meio que desmanchou”. Como o Bharbixas já não tinha mais time competitivo, a relação de forças entre os times do estado mudou completamente. Os times que não tiveram as precauções indicadas

durante a pandemia saíram privilegiados. Nesse momento, o Felinos, que era apontado como o time mais fraco em 2019, tornou-se uma potência do futebol LGBTQIAPN+ mineiro. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) explicou que também houve uma razão financeira para que esse crescimento fosse possível.

O Felinos, que era um time muito fraco, virou hoje o time mais forte. Eles têm uma treinadora bacana, que já foi até treinadora do BhARBixas. Tem uma estruturação legal. Tem um patrocínio muito legal, uma parceria muito boa que eles têm de parceria mesmo, sabe? Que não é só patrocínio, é uma parceria. Então, muitos meninos lá são carentes, então trabalham nessa empresa. E, lá, é meio que uma família mesmo... e tá dando certo e tem atraído alguns jogadores. Então, hoje, eles são o time mais fortes. Eles e o Inconfidentes. Dá uma briga boa. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Daniel (ex-BhARBixas, 2023) defendia que o Inconfidentes Pride, time fundado por ele, saía na frente na disputa pelo time mais forte do estado naquele momento.

Se a gente fosse falar só em termos de título, o maior time de BH hoje é o Inconfidentes Pride, né? É a equipe que tem mais destaque nacionalmente e, geralmente, tem as melhores classificações nos campeonatos, competições nacionais. Copa BH, Campeonato Mineiro, todas as competições regionais, teve ali entre os finalistas. (Daniel, ex-BhARBixas, 2023)

Porém, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) explicou que não apenas a escala de forças dos times mudou, mas também a relação existente entre eles, gerando um cenário colaborativo entre as equipes de Belo Horizonte, com exceção do Bharbixas: “e, aí, aconteceu uma coisa bacana, que esse times eram tudo desunido, todos brigavam. E, aí, sei lá o que aconteceu, eles mudaram a chave. Passaram a ser times, digamos, colaborativos. Tem uma rivalidadezinha, mas são times colaborativos”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) explicou como esse movimento começou.

Eu acho que a primeira quebra de paradigma que, aí, existe uma união de clubes, foi em 2020. Isso, já não tava mais ativo o futebol do Bharbixas. Só existia ManoTauros, Predadores, Felinos e Inconfidentes. E, aí, em 2020, eu criei uma Copa que chama Copa BH, que era só pra times LGBTs. E foi durante quatro finais de semana, jogos durante quatro finais de semana. E, no último jogo, no quarto domingo, a gente fez uma confraternização com os clubes. Aí, existe a primeira quebra, a primeira vez que esses clubes se juntam. E, aí, existe aquelas questões [risos] de gays, né? De pessoas LGBTs. Então, beijo, fica, faz aquilo. Aquelas coisas que acontecem em qualquer balada LGBT do Brasil. Do mundo, né? Isso ajuda a aproximar também. E, aí, começa a primeira quebra onde: “olha, a gente pode ser amigo, a gente pode tar junto, a gente pode ir nos mesmos lugares”. E, aí, a gente começou a trocar experiência. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) destacou que, nessa copa, ele percebeu um forte aumento na qualidade técnica dos times: “gente, eles aumentaram muito o nível do torneio!” Ele se surpreendeu com a grande quantidade de jogadores gays que surgiram na capital mineira.

A minha visão é que, lá [ênfase no “lá”], quando o Bharbixas se iniciou, em 2017, aí, surgiu o ManoTauros, em seguida surgiu o Felinos... Tínhamos pouquíssimos jogadores. Hoje, viado, eu não sei de onde surgiu tanto viado que joga futebol. O nível aumentou demais [ênfase no “demais”]. Tem tanto de gente que já foi profissional, tem gente que tava, assim, na categoria de base dos times, aí, não deu certo. Mas, assim, um nível muito alto, um tantão de gente que joga ligas importantes em Belo Horizonte, ligas de... não gosto desse nome: “ligas héteros”... mas, tipo assim, liga predominantemente hétero e não declaradamente gay. Então, são caras muito bons. Então, assim, parece que são seis anos, mais ou menos, né, de história, mas mudou muito. Hoje, cê tem pelo menos [ênfase no “pelo menos”] uns quarenta jogadores de bons, de bom níveis, né? Se ocê montasse uma seleção, hoje, dos times de Minas com, tipo, os catorze melhores. Cara, cê podia disputar qualquer torneio hétero aqui em Belo Horizonte, assim, tranquilamente [muita ênfase em “tranquilamente”]! Tanto é que, né, fez um juntazinho que nem são os catorze melhores. Mas fez um juntazinho no ManoTauros, e eles foram os campeões. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) se referia a uma colaboração entre quatro das cinco equipes LGBTQIAPN+ belo-horizontinas existentes naquele momento (ManoTauros, Felinos, Predadores e Inconfidentes Pride), que montaram um supertime competitivo para disputar um “campeonato hétero” pelo ManoTauros. Segundo Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), esse era “um campeonato muito [ênfase no ‘muito’] disputado”. A iniciativa deu certo e o time saiu vitorioso, marcando a culminância do processo de união entre as equipes. Em 2021, o Inconfidentes Pride, o Felinos, o Predadores e o ManoTauros também já haviam começado um projeto em comum chamado Belorhy Hills Futebol & Resenha para participar de algumas competições como uma única equipe. A primeira foi uma copa organizada pelo Bulls, em São Paulo.

Para além desses campeonatos, Predadores e ManoTauros estabeleceram uma relação de mútua colaboração: o ManoTauros passou a oferecer jogadores para o Predadores disputar jogos LGBTQIAPN+, enquanto o Predadores oferecia jogadores para o ManoTauros disputar “jogos hétero”. Assim, a atuação das duas equipes se tornou segmentada e complementar. Na verdade, essa relação entre os times não surgiu apenas no pós-pandemia. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) destacou que os dois times tinham amizade desde o surgimento do Predadores: “a gente era muito amigo. Os dois times, né? A gente chamava a gente de PredaTauros, né, que era Predadores e ManoTauros”. De fato, a parceria entre esses dois times havia se tornando tão grande no pós-pandemia que eles passaram a treinar juntos. Inclusive, quando eu entrevistei Cláudio (ManoTauros, 2023), além

de presidente do ManoTauros, ele também era membro e ocupava outro cargo na diretoria do Predadores, como segundo tesoureiro. Portanto, ele tinha um tipo de “dupla nacionalidade” entre os times.

A gente tá fazendo um treinamento em conjunto com outra equipe, que é a equipe do Predadores. Então, assim, a gente meio que uniu as equipes, porque a questão de pandemia afetou muitos jogadores. Muitos jogadores ficaram sem condição de ir e, às vezes, não retornaram. E, aí, o que a gente fez? Eu reuni a diretoria do Predadores e a do ManoTauros pra que as duas equipes trabalhassem junto. Então, assim, sempre que tiver competição, eles reforçam a gente. Ou, às vezes, quando vai ter os campeonatos, igual teve Sudeste, o nacional, em São Paulo, os jogadores do ManoTauros foram participar através deles, né, do nome deles, e, quando tem os campeonatos hétero, eles empresta os jogadores pra gente. Então, assim, é um ajudando o outro. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Eu acompanhei um desses treinos e, na verdade, a aparência era de que o Predadores havia “fagocitado” o ManoTauros. Isso porque metade dos jogadores vestia a camisa do Predadores (inclusive Cláudio), mas ninguém vestia a camisa do ManoTauros. No final do treino, para fazer a foto oficial, quase todos os jogadores posaram com a camisa do Predadores, como pode ser visto na Figura 6. No pós-pandemia, também o Bharbixas iniciou uma parceria com o Felinos, de modo que os membros do Bharbixas passaram a competir nos torneios LGBTQIAPN+ pela equipe do outro time.

Figura 6 – Treino do ManoTauros com Predadores



Fonte: produzida pela autore

Descrição: Jogadores posando para um fotógrafo abaixado em frente a eles. Os jogadores estão usando uniforme verde e preto. O técnico está posicionado ao lado dos jogadores, vestindo camiseta branca, short vermelho e meia cor-de-rosa. A foto foi tirada do lado de fora da quadra onde essas pessoas estão. Por isso, há uma tela na frente da visão que se tem delas. Estava noite, e há uma luz estourada ao fundo.

Apesar do aumento da qualidade técnica dos jogadores apontado por Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que os times mineiros haviam caído de rendimento no cenário nacional. Isso porque o Bharbixas era a equipe mineira que conseguia bater de frente com as equipes de outros estados. De fato, mesmo depois da cisão com o ManoTauros, o Bharbixas continuou

sendo uma potência do futebol LGBTQIAPN+ brasileiro. Além de ser campeão da 1ª edição do Champions LiGay, ele ficou em 2º lugar na 3ª edição e em 3º lugar na 4ª edição. Até mesmo nas edições em que não esteve no pódio, ele teve um desempenho considerável. Na 2ª edição, ele foi eliminado nas quartas de final, mas o artilheiro do campeonato foi do BhARBixas. Na 5ª edição, que teve o maior número de equipes concorrendo, o time ficou em 4º lugar. Dentro de Minas Gerais, a hegemonia do time era destacada.

Em termos de competitividade, em termos de futebol, o BhARBixas sempre foi muito à frente do ManoTauros, assim. É tanto que o ManoTauros nunca, por exemplo, nunca conseguiu ganhar do BhARBixas. Nunca ganhou nada. Nunca. Acho que, na verdade, a única vez, eles conseguiram empatar um jogo só. Todos os outros jogos o BhARBixas ganhou. Inclusive LiGays, competições, enfim. (Daniel, ex-BhARBixas, 2023)

No entanto, o BhARBixas sequer participou da 6ª edição do Champions LiGay, e nem mais estava filiado à LiGay nesse período. O time participou do Campeonato Mineiro de 2022, mas, segundo Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), teve um desempenho muito fraco. De fato, os únicos times mineiros que foram para a 6ª edição do Champions LiGay foram Inconfidentes Pride, Felinos e Predadores. BhARBixas, ManoTauros e Alcateia (Manhuaçu) ficaram de fora. O Elite, primeiro time transmasculino do estado, havia sido criado um mês antes dessa edição do campeonato. Apesar de tudo, Lúcio (BhARBixas, 2023) sustentou que não ter havido treinos do BhARBixas

durante a pandemia foi a decisão correta, ainda que isso tenha implicado no afastamento do time das competições no período posterior.

A pandemia foi um momento bem delicado pra gente. A gente parou por completo. Houve essa conversa interna da gente. A gente falou que não iríamos jogar por motivos óbvios, né? A gente não queria que ninguém ficasse doente ou, então, algum familiar, sei lá, pega num treino, leva pra casa e, enfim, como ficava a nossa consciência nesse meio tempo? Então, a gente teve que abrir mão do nosso encontro semanal, dessa união toda. Mas sem abrir mão do que aquilo que a gente acreditava, né, que era na ciência, e que a gente só iria voltar quando tivesse um cenário, assim, seguro, em que todo mundo tivesse vacinado e todo mundo tivesse bem pra gente voltar. Então, nós fomos um dos últimos times, assim, que eu tinha acompanhado, a voltar. A gente ficou bem recluso mesmo, assim. Tivemos pessoas que saíram do time porque outros times já tinham voltado à atividade, e a gente ainda não tava se sentindo seguro pra voltar. Aí que houve essa saída dos meninos e a formação do Inconfidentes. Então, muitas pessoas saíram, e tá tudo bem. É assim que funciona esse processo, né? Então, foi um período complicado, mas deu tudo certo, tá todo mundo bem, saudável. Aí, a gente tá até sem time de futebol até hoje também, porque a gente não teve, assim, esse tempo [ênfase em “tempo”] ainda pra dar um *restart* no time, que dá [voz de riso] muito trabalho. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Mas ele afirmou que o plano era que o Bharbixas voltasse assim que possível a participar das competições.

A gente só tá se organizando quanto ao futebol. As outras modalidades continuam, tão funcionando perfeitamente. O futebol feminino tá funcionando também. As meninas tão arrasando. Mas o futebol masculino, ele não tá acontecendo. A gente tem o recreativo, ele tá funcionando aos sábados, normal, mas o competitivo não tá. Ainda não retornou. Então, não sei... talvez... sem previsão? Não sei. [risos] Mas, eu acho que num futuro não muito distante, a gente vai voltar sim, vai dar um *start* de novo. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Com o novo cenário estabelecido, até mesmo a rivalidade que existia entre o Bharbixas e o ManoTauros se arrefeceu, como explicou Cláudio (ManoTauros, 2023).

Enquanto o Bharbixas teve ativo na parte de futebol, sempre teve a rivalidade. Porque sempre teve alguns jogadores que eram de lá e vieram pra cá, então, fica aquela disputa. Mas, assim, o Bharbixas também não tá nas atividade esportiva mais com o futebol. Então, assim, bem que sumiu. E, na mudança de presidência, também... trocamos muitos jogadores. Então, assim, a partir do momento que eu entrei, assim, isso acabou. Não tem mais essa rivalidade entre equipes. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Nesse contexto, o ManoTauros passou a ter um papel comple-

tamente diferente dentro do futebol LGBTQIAPN+ mineiro, como ele destacou.

A gente, assim, não preocupa em ter disputa com as outras equipes, a gente não entra em disputa disso. Se é melhor, se vai entrar no campeonato pra poder mostrar que é melhor, que não é. Entendeu? Nós somos a Suíça nessa parte do [voz de riso] campeonato de equipes, né? Então, assim, teve épocas que a equipe teve sempre aquela rixa entre as outras equipes. Atualmente, tá mais tranquilo, mais calmo. Sempre que tem algum campeonato, as outras equipe oferece jogador emprestado, então, assim, tá bem *amenizado a questão de disputa* entre equipes aqui. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Além de “neutro”, o ManoTauros passou a ser um elo agregador, já que os outros times se juntaram em torno dele para competir no “campeonato hétero” supracitado. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) é uma figura que circulou pela maioria dos momentos ligados à história do Bharbixas e do ManoTauros. Ele fez parte da primeira formação do Bharbixas, atuando como treinador do time. Depois, foi um dos membros fundadores do ManoTauros. Ele ficou na presidência desse time durante dois anos, tendo saído dele pouco tempo depois. Então, foi jogar no Alcateia, de Manhuaçu. Foi quando veio a pandemia do Covid-19, e ele ficou impossibilitado de se deslocar todas as semanas para Manhuaçu para participar dos treinos. Nesse momento, ele chegou a decidir voltar a jogar no Bharbixas. No entanto, o time não realizou nenhuma atividade durante a pandemia. Assim, ele acabou apoiando Daniel (ex-Bharbixas, 2023) na formação do Inconfidentes Pride. Dessa trajetória, ele afirmou o seguinte: “todos

os times LGBTQIA+ que joguei levo no meu coração, porque, quando visto uma camisa de time, eu visto de verdade, me entrego”. De fato, no dia 20 de março de 2023, já jogando pelo Inconfidentes Pride, Eduardo postou uma foto antiga no *feed* do *Instagram* usando a camisa do ManoTauros e um vídeo nos *stories* usando a camisa do Bharbixas. Apesar da saída conflituosa para fundar o ManoTauros, continuar usando a camisa do Bharbixas e ter decidido voltar para esse time sugerem certa superação do desentendimento que havia dividido esses dois times seis anos antes.

Em 2023, o futebol LGBTQIAPN+ chegou a duas outras cidades do interior de Minas Gerais. Nesse ano, o Rajadão surgiu em São João del-Rei. Em Juiz de Fora, foi fundado o Transtornados, o primeiro time transmasculino fora da capital. No ano seguinte, esse time passou por uma cisão, dando origem ao Alcateia, time transmasculino com o mesmo nome do time LGBTQIAPN+ já existente em Manhuaçu. Depois da cisão com o Alcateia, o Transtornados passou por uma reformulação e se tornou aberto a quaisquer pessoas trans, incluindo também mulheres trans, travestis e não-binárias.

Em 2024, mais uma vez, o futebol LGBTQIAPN+ mineiro passou por uma grande reconfiguração de forças quando o Felinos e o Inconfidentes Pride, os dois times que apresentavam maior desempenho nas competições nacionais naquele momento, resolveram se unir para formar um único time capaz de bater de frente com as equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Junto com o Alcateia, de Manhuaçu, eles criaram o Alianza Minas. Com isso, o Inconfidentes Pride extinguiu completamente suas atividades, enquanto o Felinos e o Alcateia

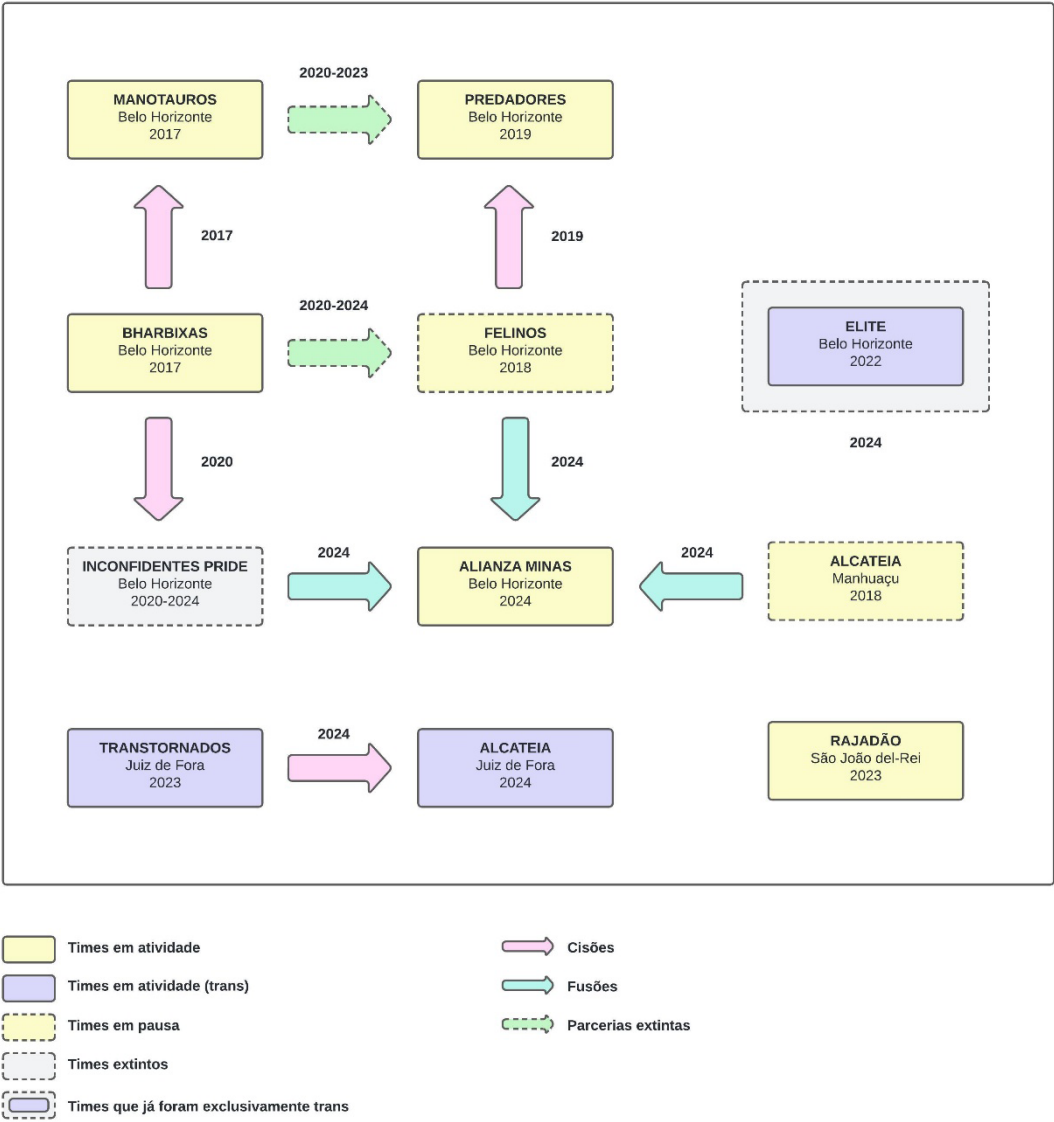
as pausaram por tempo indeterminado. Como alguns membros do Felinos e do Alcateia não migraram para o Alianza Minas, eles expressaram o desejo de reativar o time em algum momento. Devido a esse movimento, a parceria entre o Bharbixas e o Felinos se extinguiu. Também a relação de complementariedade entre o ManoTauros e o Predadores havia sido finalizada, em 2023, devido a conflitos internos entre os dois times.

O Elite havia organizado, em 2023, um torneio chamado Copa Inclusão, em Belo Horizonte, contando com times LGBTQIAPN+, femininos e masculinos convencionais. Em 2024, essa equipe passou por uma mudança muito significativa, deixando de ser formada exclusivamente por pessoas trans. Segundo o presidente do Elite, um grande número de adolescentes de áreas carentes próximas ao local em que o time treinava pediu para começar a participar dos treinos. Com isso, o Elite acabou se abrindo para a participação também de pessoas que não são LGBTQIAPN+, num movimento até então inédito no contexto do futebol LGBTQIAPN+ mineiro. O time têm buscado, ainda, fazer um trabalho social de acolhimento desses jovens periféricos. De fato, é possível dizer que, desde 2023, o futebol LGBTQIAPN+ mineiro tem passado por uma fase de complexificação. Nesse cenário, Bharbixas e ManoTauros permaneceram tendo uma posição discreta. O Bharbixas apenas com atividades recreativas, e o ManoTauros sem participar dos torneios LGBTQIAPN+.

Esta foi uma breve história dos primeiros oito anos do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. A Figura 7 é um esquema que busca fazer uma síntese de todo esse processo. Mas Belo Horizonte viu

times de futebol sendo criados pela primeira vez mais de um século antes disso, e a criação do Bharbixas em 2017 se insere dentro dessa história mais ampla. Por isso, vamos ver, a seguir, que futebol belo-horizontino é esse no qual o futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino se insere.

Figura 7 – Esquema de relação entre os times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros em 2024



Fonte: elaborado pelo autore

Descrição: A imagem traz um esquema que indica a relação entre os times de futebol LGBTQIAPN+ mineiros. O Bharbixas (criado em Belo Horizonte, em 2017) deu origem ao ManoTauros (criado em Belo Horizonte, em 2017) e ao Inconfidentes Pride (criado em Belo Horizonte, em 2020) por cisões. O Felinos (criado em Belo Horizonte, em 2018) deu origem ao Predadores (criado em Belo Horizonte, em 2019) por cisão. O Transtornados (criado em Juiz de Fora, em 2023) deu origem ao Alcateia (criado em Juiz de Fora, em 2024) por cisão. O Alianza Minas (criado em Belo Horizonte, em 2024) foi formado pela fusão do Inconfidentes Pride com o Felinos e o Alcateia (criado em Manhuaçu, em 2018). Entre 2020 e 2023, o Bharbixas teve uma parceria com o Felinos. Entre 2020 e 2024, o ManoTauros teve uma parceria com o Predadores. Em 2024, o Alianza Pride foi extinto, e o Felinos e o Alcateia (Manhuaçu) pausaram suas atividades. O Elite foi criado em 2022 e deixou de ser um time exclusivamente LGBTQIAPN+ em 2024. O Rajadão foi criado em 2023, em São João del-Rei. Abaixo do quadro, há uma legenda que indica a forma como os times e relações entre eles estão representados. Os times em atividade – Bharbixas, ManoTauros, Predadores, Alianza Minas e Rajadão – estão em retângulo amarelo com bordas simples. Os times trans em atividade – Transtornados e Alcateia (Juiz de Fora) – estão em retângulo roxo com bordas simples. Os times em pausa – Felinos e Alcateia (Manhuaçu) – estão em retângulo amarelo com bordas pontilhadas. Os times extintos – Inconfidentes Pride – estão em retângulo cinza com bordas pontilhadas. Os times trans que deixaram de ser exclusivamente LGBTQIAPN+ – Elite – estão em retângulo roxo com bordas internas simples e externas pontilhadas. As cisões estão marcadas por setas rosas com bordas simples. As fusões por setas azuis com bordas simples. As parcerias extintas por setas verdes com bordas pontilhadas.

## A PRIMEIRA RIVALIDADE DO “FUTEBOL HÉTERO” NA CIDADE

Belo Horizonte foi criada em 1897, para substituir Ouro Preto como a nova capital mineira. Planejada pelo engenheiro e urbanista Aarão

Reis, tendo como inspiração Paris e Washington, a cidade também contou com o projeto paisagístico de Burle Marx. A fim de mudar as páginas da história mineira, até então ligadas às “cidades históricas”, Belo Horizonte nasceu com a pretensão de ser moderna. Mas como fazer isso no berço do tradicionalismo mineiro? Essa tensão acompanhou todo o processo de formação e ocupação da cidade. Inclusive em relação ao futebol, que fez parte do seu projeto de modernização.

Segundo a narrativa mais difundida, o futebol foi introduzido em Belo Horizonte pelo carioca Victor Serpa, que havia estudado na Europa e se mudou para a capital mineira em 1903. Mais uma vez, temos aqui o mito de um pai fundador, como no caso de Charles Miller, no âmbito nacional. Nesse caso, a atribuição da paternidade a Victor Serpa se deve à fundação do primeiro time da cidade de que se tem conhecimento oficialmente, o Sport Club Foot-ball, em 1904. Segundo Cleber Dias, Georgino Souza Neto, Igor Silva e Sarah Soutto Mayor (2014, p. 78), a prática desse esporte, inicialmente, gerou “espanto, admiração e repugnância” em Belo Horizonte. Entretanto, cresceu rapidamente, de modo que, ainda em 1904, o jornal *A Epoca* já falava de “mania do *foot-ball*”.

O Atlético Mineiro e o América Mineiro foram os dois primeiros grandes times de futebol da cidade, e eles tinham perfis similares quando foram formados. O Atlético foi criado em 1908 por jovens estudantes da elite belo-horizontina, no coreto do Parque Municipal, no Centro da cidade. O América, por sua vez, foi criado em 1912, também por jovens de elite, na Rua da Bahia, ainda no Centro da cidade. Segundo Rogério Alves, Silvio Silva, Sarah Soutto Mayor e Georgino Souza Neto (2016, p. 717), ambos foram criados por

“filhos de políticos, empresários e comerciantes bem-sucedidos”. Mas a diferença entre os dois times é que o Atlético foi fundado por estudantes secundaristas, e o América por crianças. Este último só viria a ser composto por jovens e adultos alguns anos depois. Em 1915, foi criada a Liga Mineira de Sports Athleticos, que organizou um campeonato chamado Taça da Cidade. Essa competição viria a se transformar posteriormente no Campeonato Mineiro. O Atlético foi o primeiro campeão da disputa, mas o América venceu as edições seguintes por dez anos consecutivos, feito que ficou conhecido como decacampeonato.

A primeira rivalidade do esporte mineiro, portanto, foi entre esses dois times. A disputa entre eles ficou conhecida como Clássico das Multidões, porque os jogos entre esses dois clubes foram os primeiros a levar uma grande quantidade de torcedoras, torcedores e torcedorus aos estádios e a gerar um clima de ansiedade pré-jogo na população belo-horizontina. Entretanto, a pesquisa de Alves *et al.* (2016, p. 706) mostra que não havia um clima de hostilidade entre os dois times: “apesar de serem as duas agremiações de maior representatividade esportiva do Estado, ambas eram dotadas de simpatias mútuas e sentimentos de irmandade”. Para esses autores e essa autora, essa relação tem a ver com o fato de que o esporte ainda era muito utilizado pela elite da capital mineira para o cultivo de ideais europeus de civilidade. Marcelino Silva (2012) acredita que a afinidade dos dois times se relacionava também à tentativa conjunta de afastar os grupos mais populares que também vinham se apropriando do futebol. A popularização do esporte na capital começou a ocorrer na década

de 1910, mas só se concretizou na década de 1920. Na década de 1910, começaram a surgir times compostos por praticantes pobres, como o Yale Athletic Club, formado, em sua maioria, por operários.

#### O SURGIMENTO DA MAIOR RIVALIDADE MINEIRA

Em 1921, foi fundado, em Belo Horizonte, um clube chamado Palestra Itália. Em 1942, ele viria a ter seu nome alterado para Cruzeiro. Nesse intervalo, a rivalidade entre o Atlético Mineiro e o América Mineiro seria cada vez mais substituída pela que surgia entre o Atlético e esse novo time. Entre outros motivos, essa mudança se deveu a um progressivo enfraquecimento do papel do América no cenário estadual. Isso está relacionado não só à emergência do Palestra como uma terceira força no esporte mineiro, mas também à resistência que o América teve para se profissionalizar. Enquanto Atlético e Palestra se incorporaram à liga profissional desde sua criação, em 1933, o América só se profissionalizou em 1943.

Diferentemente do Atlético e do América, o Palestra não foi fundado pela elite belo-horizontina, mas pela comunidade italiana que havia migrado para o Brasil para substituir a mão de obra escravizada – dentro do processo histórico de embranquecimento da população brasileira e abandono da comunidade negra recém-alforriada. Os imigrantes italianos foram estabelecendo uma colônia no Barro Preto, bairro da região central de Belo Horizonte. No fim da década de 1910, ela já era muito bem-organizada. Segundo Marcelino Silva (2012, p. 71-72), “os italianos e seus descendentes eram, em sua

maioria, comerciantes, artesãos, trabalhadores da construção civil e operários, embora alguns empresários e industriais da mesma origem também tivessem se estabelecido na cidade”.

Rogério Alves *et al.* (2016) correlacionam o surgimento da Società Sportiva Palestra Italia, em 1921, com o nacionalismo crescente no pós-Primeira Guerra, tendo ocorrido dois anos após o surgimento do partido fascista italiano. As cores do clube, naquele momento, eram as da bandeira da Itália: verde, branco e vermelho. Até 1925, apenas italianos e seus descendentes podiam jogar no time. Mas, no ano em questão, o time se “abrasileirou”, passando a se chamar Sociedade Sportiva Palestra Itália. A torcida do Palestra cresceu muito rapidamente, equiparando-se à do Atlético e à do América em poucos anos. Também foi rápido o início da conquista de títulos. Entre 1928 e 1930, o time conquistou o tricampeonato mineiro. O início da animosidade entre o Palestra e o Atlético também começou pouco tempo depois da formação do time italiano. Em 1927, os jornais já registraram o primeiro conflito entre as torcidas dos dois times.

Nesse momento, ocorreu um deslocamento no perfil do futebol na cidade. Alves *et al.* afirmam que, nos primeiros momentos do futebol belo-horizontino, tanto os principais times existentes quanto suas torcedoras, torcedores e torcedorus eram bastante elitizados. Frequentemente, essa torcida se interessava pela prática sem se apegar a um time em específico. Era comum que os jogadores desses times, por sua vez, preocupassem-se mais com o espírito esportivo e com a vivência social dos jogos. A mídia impressa se referia a esse público inicial como “famílias da melhor sociedade”. Mas, com a nova configuração do futebol belo-horizontino, os principais

jogos começaram a se tornar acessíveis à maior parte da população. A mídia começou, então, a relatar o aparecimento de pessoas “inde-sejáveis e incivilizadas”.

A partir desse momento, os jogos entre Atlético e Palestra começaram a causar uma intensa movimentação na cidade e a ser garantia de estádios lotados. A disputa entre os dois times ficou conhecida como Clássico dos Clássicos. Em 1936, os jornais registravam comportamentos hostis de um time em relação a outro em campo, com agressões propositais com o objetivo de “inutilizar” o adversário e reclamações constantes às marcações do árbitro. Houve jogos que até foram interrompidos pela violência. Segundo Alves *et al.*, até com policiais participando da confusão, ao invés de apartá-la, e jogadores sendo presos.

Em 1942, o Palestra Itália virou Palestra Mineiro, por causa de um decreto da presidência que nacionalizava sociedades esportivas em território nacional, em meio à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tendo como inimigos os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O time também mudou suas cores para o azul e o branco. No mesmo ano, o nome foi alterado para Cruzeiro.

#### OS SIGNIFICADOS DE SER CRUZEIRENSE E ATLETICANO EM BELO HORIZONTE

Apesar do seu surgimento elitizado, o Atlético Mineiro foi progressivamente ganhando uma imagem de time popular. Esse processo começou quando o Villa Nova, da cidade de Nova Lima, venceu os três primeiros campeonatos profissionais, entre 1933 e 1935. O clube era composto por jogadores de origem pobre, e o Atlético

começou a contratar pessoas com o mesmo perfil para tentar formar um time que batesse de frente com o Villa. Em 1936, o Atlético venceu o campeonato mineiro. Para completar, em 1937, tornou-se o “Campeão dos Campeões”, ganhando um torneio com os times vitoriosos de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. A vitória trouxe ao estado um sentimento de orgulho do futebol mineiro. Essa popularização do Atlético foi importante para consolidar a sua principal rivalidade.

A trajetória do futebol belo-horizontino não pode ser diminuída a uma oposição entre times de elite e times populares. Ambos Cruzeiro e Atlético reivindicam para si um caráter popular através de identidades muito distintas. Enquanto o Atlético remete à paixão das massas, o Cruzeiro remete ao trabalho disciplinado. Entretanto, é possível identificar a existência, na cidade, de um imaginário recorrente que associa o Atlético a camadas populares e à periferia. É a ideia do “Galão da massa”. Por oposição, não é raro também que o Cruzeiro seja mais associado ao público de classe média alta, ainda que o time não assuma esse lugar. Talvez essa relação se dê pela ética do trabalho com características burguesas e de pretensões de ascensão social ligada à comunidade de origem do time.

Marcel Freitas (2007) conduziu uma pesquisa sobre as representações do Cruzeiro e do Atlético a partir de entrevistas com pessoas torcedoras de ambos os times. Ao pedir que as pessoas entrevistadas relacionassem esses clubes e suas torcidas às ideias de corpo e mente, o autor notou uma caracterização mais profunda do Atlético na sua ligação com o corpo, e do Cruzeiro em sua ligação com a

mente. Ao relacionarem o Atlético ao corpo, as pessoas entrevistadas trouxeram as ideias de raça, irracionalidade, agressividade, paixão e força. A princípio, a palavra “raça” surge aqui como sinônimo de “garra”. Mas ela também guarda uma relação com questões raciais. Marcelino Silva (2012, p. 78) argumenta que, “com a definitiva incorporação da imagem de popular pelo clube, o signo da raça acabou adquirindo certa ambiguidade, remetendo também à forte presença de negros e mulatos, como Ubaldo, no time e na torcida atleticana”.

O Cruzeiro foi definido pelas pessoas entrevistadas em relação ao Atlético, ou seja, como seu oposto. Associado à mente, o clube foi ligado à racionalidade, à inteligência, ao refinamento, à tática e à tranquilidade. Tais características têm relação com a história do time. Afinal, ele foi criado por italianos que chegaram a Belo Horizonte para trabalhos desvalorizados e teriam “subido na vida” através do esforço. Do mesmo modo, o Cruzeiro teria sido construído na simplicidade do trabalho cotidiano até se tornar um grande time. Soma-se a isso o papel importante que a comunidade italiana teria tido na formação da própria capital.

Um dos entrevistados fez uma relação do Atlético com a figura do seu mascote, seguindo a ideia de que, mesmo que você corte o pescoço de um galo, ele segue sem a cabeça, irracional. De fato, o Atlético é mais conhecido em Minas Gerais como Galo do que pelo seu nome oficial. Fernando Pieruccetti, sob o pseudônimo Mangabeira, foi o chargista que criou os bichos que representam os clubes mineiros, em 1945, no jornal *Folha de Minas*. Essa escolha diz muito sobre a imagem de cada um deles. Segundo Silva, o galo, que representa o

Atlético, relaciona-se à figura do galo de rinha, guerreiro. A raposa, que representa o Cruzeiro, foi inspirada na astúcia da administração do time, na época, representada pelo seu presidente Mário Grosso. Já o Coelho representaria a vivacidade do América, mas também foi inspirado no sobrenome de alguns dos dirigentes do clube. As escolhas foram tão perspicazes que foram adotadas como mascote pelos respectivos times.

#### COMO BHARBIXAS E MANOTAUROS ENTRAM NESSE CENÁRIO

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que a grande maioria dos integrantes do ManoTauros era atleticana. Quando perguntei a ele se o ManoTauros teria algum ídolo, ele respondeu: “talvez o Atlético como instituição”. Ele me explicou que isso não era um consenso, pois o time tinha alguns cruzeirenses. Mas os quatro primeiros membros eram atleticanos “fanáticos” (entre eles, Ângelo e Eduardo). O marido de Ângelo, que jogava no time, também era atleticano. Além deles, outros membros, dentre os quais um que participava da organização da equipe naquele momento, também eram atleticanos “fanáticos”: “aquele núcleo ali que meio que organiza, que tá mais disposto ultimamente é atleticano, então, tipo, o ‘raça’ [na bandeira do ManoTauros] vem muito do Atlético”. Ele também explicou que o grito de guerra do time era “raça, raça, raça! ManoTauros!”, com influência do Atlético. Por outro lado, Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que os membros do Bhabixas não gostavam de acompanhar o futebol profissional: “eu e um colega fomos expulsos [do

grupo do Bharbixas no *WhatsApp*] porque a gente tava discutindo futebol no grupo. ‘Ai, que assunto chato, sei o quê’. Então são pessoas que não gostam de futebol”. Pedro (Bharbixas, 2018) e Lúcio (Bharbixas, 2023) discordavam. Eles afirmavam que muitas pessoas no Bharbixas gostavam de acompanhar o futebol profissional. Segundo Roberto (Bharbixas, 2018), a expulsão de alguns integrantes do grupo do *WhatsApp* do Bharbixas, entre eles Ângelo, ocorreu por um motivo diferente.

Alguns saíram, outros foram até expulsos do grupo. Quando foram expulsos, foram expulsos pelos membros que hoje a gente diz que eram os diretores, os fundadores, os mais ativos. O Lúcio, um deles. E eu não entendia porquê. Fui conversar com alguns, tentar entender o que que tava rolando, e eles falaram que quem foi expulso tava faltando com respeito às outras pessoas e à diversidade. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Assim como tentamos fazer em relação ao Cruzeiro e ao Atlético, também podemos traçar perfis relacionados ao Bharbixas e ao ManoTauros. Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmou que a maior parte dos membros do ManoTauros era de periferia e de baixa renda. Ele tinha uma teoria para explicar essa configuração da equipe: “acho que, como é no boca a boca, fulano falou pra ciclano, que falou... acho que acabou que a gente atraiu um nicho, assim, muito parecido”. Roberto (Bharbixas, 2018) apresentou outra configuração sobre o recorte de classe no seu time.

O Bharbixas também, a maioria dos que ficam no núcleo do time também, eu acho que são de classe média, sabe? Então,

é um time que prega a pluralidade, mas ele não é totalmente plural nesse ponto, eu acho. Mas não é porque a gente repreende também. Ninguém nunca foi não aceito por causa disso... pelo contrário. Só que eu não sei o que acontece que não chegam essas pessoas [de periferia] e, quando chega, não fica. Mas, de vez em quando, aparecem uns no grupo que usam essa terminologia, que manda uns áudios, tipo: “mano, não sei o quê... mano... meu...” Tem alguns, mas poucos. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Percebe-se uma categorização feita por ele de quem seria de periferia em torno de um estereótipo relacionado à linguagem usada por algumas pessoas que já passaram pelo time. Na mesma direção do perfil apontado por Roberto (Bharbixas, 2018), Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que o grau de instrução das pessoas que organizavam o Bharbixas era elevado. No entanto, Pedro (Bharbixas, 2018) não tinha a mesma percepção sobre classe que o colega de time Roberto. Ele também destacou que o Bharbixas tinha poucas pessoas negras no início da sua formação, mas isso teria mudado posteriormente.

A gente tem uma representatividade bem maior de pessoas negras. Acho que com relação a classe econômica, eu talvez nem tenha muita propriedade pra falar, porque a gente não conhece muito a vida pessoal das pessoas que jogam com a gente, só dos que são mais próximos mesmo. Mas eu acredito que hoje a gente seja bem diversificado nesse quesito. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) defendeu que o estereótipo que os outros times tinham do Bharbixas era equivocado: “o Bharbixas sempre foi acusado de ser um time branco, padrão, de elite, sendo que [voz de riso] não era assim. Mas as pessoas que jogavam em outros clubes viam dessa forma. E a gente tentou por diversas vezes tirar, quebrar isso”. Lúcio (Bharbixas, 2023), ao falar sobre o Bharbixas ser considerado uma equipe afeminada, disse que tem orgulho da diversidade do time: “porque nosso time é o mais plural, o nosso time é mais diverso, assim. Nós temos todos os tipos de pessoas, corpos, grupos étnicos, enfim, tudo. O nosso time é muito diverso, e a gente vai abraçar sim essa diversidade, inclusive, sendo afeminado”. No entanto, eu fiz uma pergunta a ele depois dessa fala, e ele relativizou bastante a afirmação anterior.

Pesquisadore: Cê falou de diversidade, mas eu queria saber se você identifica que talvez haja algum tipo de perfil em relação a questões como idade, raça, renda, escolaridade. Tem algum tipo de perfil, assim, no time, nos membros, que você identifica, ou não?

Lúcio (Bharbixas, 2023): Olha, é muito, muito diverso sim. Nosso time é muito diverso. Mas ainda sinto que a gente... a gente poderia ter mais. E, aí, isso é um ponto que a gente já conversou, né, de, tipo assim, como a gente pode ampliar nossa diversidade ou fazer com que as pessoas mais diversas, que se sintam inclusas com a gente. Então, isso já foi uma pauta que a gente já conversou e tal. Já fomos chamados de elitistas, um time elitista, um time classe média, um time que foge

à minha realidade financeira pra tar participando dos campeonatos e os treinos. Ou, então, *predominantemente branco*. Não vou falar que não é, porque é uma realidade, assim, que, infelizmente, a gente tem no time, né? Então, já foi uma pauta que a gente já levantou: “gente, como que a gente pode abraçar mais as pessoas que não têm condições pra jogar com a gente, mas quer estar com a gente?” E a gente já tentou algumas ações, mas não deram muito certo. Mas não vou mascarar, falar que não é uma realidade não, porque é, assim, sabe? Então, a gente tenta ao máximo, ao máximo mesmo, pra fazer com que todo mundo se sinta bem no nosso grupo, no nosso coletivo. Mas, infelizmente, acontecem essas... hum... como é que posso dizer? Acontece essa segregação de certa forma, né? E a gente tenta ao máximo fazer com que as pessoas se sintam bem, acolhidas, que elas queiram voltar. E pra que a gente tenha o grupo mais diverso possível. Mas tem, assim... não que não há diversidade, mas poderia haver mais, né?

Quando participei de uma pelada do Bharbixas, além de mim, havia 18 pessoas no local. 15 delas estavam jogando, e 3 apenas assistindo. Eu identifiquei como negras apenas três pessoas que estavam jogando e uma que estava assistindo. Entre os homens que estavam presentes, havia um hétero convidado (amigo de Roberto). Das 15 pessoas jogando, 2 eram mulheres. Entre as pessoas que estavam assistindo, também havia 2 mulheres. Nesse cenário, aparentemente, 88% das pessoas eram brancas e apenas 22% negras. No 5º Champions LiGay, em Belo Horizonte, percebi que grande parte dos jogadores do

Bharbixas tinha aparência parecida. Eram brancos e aparentemente de classe média. Mas os jogadores do ManoTauros tinham um perfil diferente. Grande parte era negra e parecia ser de periferia.

As falas dos entrevistados e as percepções no trabalho de campo dão a entender que, preliminarmente, seria possível traçar perfis diferentes para os dois times. O Bharbixas seria composto mais por brancos, de classe média e maior grau de escolaridade. O ManoTauros mais por negros e de periferia. Isso aproximaria o ManoTauros do lugar simbólico ocupado pelo Atlético em Belo Horizonte, o que coincidia com a própria identificação de grande parte dos membros do time. Apesar disso, não seria possível indicar uma identificação do Bharbixas com o Cruzeiro. Segundo Lúcio (Bharbixas, 2023), não havia um time que tivesse mais torcedores dentro da sua equipe, pois os membros torciam para times variados, inclusive de outros estados. Entretanto, Roberto (Bharbixas, 2018) é muito cruzeirense. De toda forma, Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) deixou bastante evidente a relação de classe, ainda que simbólica, entre o Bharbixas e o ManoTauros.

Tipo, ManoTauros era o time dos manos, e o Bharbixas a elite. Tanto que já foi falado que, por isso, chamava ManoTauros [ênfase em “Mano”]. Mas isso nunca foi um insulto. Eles [Bharbixas] consideravam o ManoTauros *um time pobre*, de gente mais humilde, “mano” mesmo. E o Bharbixas – é igual eles falavam – era a torcida do Cruzeiro, e o ManoTauros a torcida do Atlético. É *a favela e a elite*. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Como é possível perceber pela fala de Eduardo (ex-ManoTauros, 2023), a dicotomia de classe que se estabelece entre Cruzeiro e Atlético em Belo Horizonte também era projetada por ele na relação entre o Bharbixas e o ManoTauros. Mas, com as mudanças pelas quais o ManoTauros passou com o tempo, Cláudio (ManoTauros, 2023) indicava que o perfil do time teria mudado. Ele apontou um nível alto de escolaridade dos membros: “acho que a maioria das pessoas, assim, questão de estudo, eles são bem... como que eu vou dizer... bem avançado. Pessoas que estudam, pessoas que têm um grau de conhecimento, de estudo”. Ele também afirmou que, racialmente, o time era “bem misturado”. Com as mudanças de jogadores ocorridas com o tempo, Cláudio (ManoTauros, 2023) também apontou que o time perdeu o vínculo que tinha com o Atlético.